

A NECESSIDADE DE PENSAR EM AMANHÃS: AFROFUTURISMO, AFRICANFUTURISM E IDENTIDADE NEGRA NA VISUALIZAÇÃO DE NOVOS FUTUROS EM A PARÁBOLA DO SEMEADOR E A PARÁBOLA DOS TALENTOS, DE OCTAVIA BUTLER, E BINTI, DE NNEDI OKORAFOR

ANDERSON BRUM¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – andersonbrumf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Em seu ensaio intitulado “The Necessity of Tomorrows” (1978), o autor Samuel R. Delany (1942-) reflete sobre a ficção científica a partir do seu ponto de vista como autor e relembra a sua trajetória até fazer o primeiro contato com uma obra do gênero. Tendo crescido no Harlem, mas em boas condições de vida, para Delany a ficção científica se tornou um escape da realidade e possibilitou com que ele imaginasse novas perspectivas de futuro e pudesse sonhar com novos mundos.

No contexto da escrita de autores negros, o afrofuturismo aparece no final do século XX como um movimento que tem como centralidade o protagonismo dado para histórias negras escritas por pessoas negras e que tivessem como base da narrativa a imaginação de futuros alternativos. Nessa perspectiva, Mark Dery cunha o termo inicialmente em 1994 em seu ensaio “Black to the future”, em que ele entrevista três autores negros – Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R. Delany, para o crítico estadunidense:

Ficções especulativas que tratam sobre temas afro-americanos e se relacionam com preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século vinte - e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e um mundo prosteticamente aperfeiçoado - talvez, pela necessidade de um termo melhor, sejam chamadas de Afro-Futurismo. (1994, p. 180, minha tradução)¹

A definição proposta por Dery foi importante para os momentos introdutórios do afrofuturismo dentro da academia, entretanto, com o tempo o termo passou a ganhar destaque e recebeu atualizações propostas por teóricos negros. Entre eles, está Alondra Nelson, professora que aponta para novas visualizações de afrofuturismo e o encaixa dentro de um contexto de autoria negra com ‘outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir’ (NELSON, p. 9, tradução minha)².

As contribuições de Nelson foram importantes para a expansão do afrofuturismo como movimento e colocá-lo como um movimento que retrata a diáspora africana por todo o planeta. Mesmo assim, recentemente autores africanos apresentaram um incômodo em relação às conceituações de afrofuturismo que estavam sendo veiculadas na mídia após o lançamento de “Pantera Negra” (2018). Tais representações de afrofuturismo na mídia comumente

¹ Speculative fiction that treats African-American themes and addresses African-American concerns in the context of twentieth-century techno-culture – and, more generally, African-American signification that appropriates images of technology and a prosthetically enhanced future – might, for want of a better term, be called Afro-Futurism. (DERY, 1994, p. 180)

² Afrofuturism can be broadly defined as “African American voices” with “other stories to tell about culture, technology and things to come.” (NELSON, 2002, p. 9)

elencavam o protagonismo na realidade estadunidense – algo que fez com que o termo ficasse ainda mais entrelaçado com o panorama nacional do país. Assim, autores como Nnedi Okorafor sugeriram a criação do termo *Africanfuturism* em que as principais características do afrofuturismo permanecem, mas agora a centralidade é colocada na imaginação de um futuro do continente africano.

Em ambas as maneiras de visualizar novos mundos protagonizados por pessoas negras, o principal fator em comum está na visualização da navegação espacial como grande destinação das histórias. Nesse contexto, autoras como Octavia Butler e, mais recentemente, Nnedi Okorafor se tornam expoentes dos movimentos na literatura. Octavia Butler traz a duologia Semente da Terra – formada que consiste em *A Parábola do Semeador* (1993) e *A Parábola dos Talentos* (1998), já Nnedi Okorafor publica a trilogia *Binti*, (2015-2018). As narrativas das autoras possuem protagonismo feminino negro a partir das personagens Lauren Oya Olamina e Binti, e apresentam discussões sobre ancestralidade, legado, novas comunidades, religião e política. Assim, temos a formação de uma identidade negra diaspórica que é trabalhada ao longo das obras.

Em *A Parábola do Semeador*, a autora proporciona reflexões a partir do contexto dos Estados Unidos distópico entre os anos de 2024 e 2027. Narrado por Lauren Olamina desde os seus 14 anos, cada capítulo da história inicia com versículos da religião que é desenvolvida pela protagonista como forma de resistência em relação ao momento de caos político que é vivenciado. Conforme necessita trilhar o seu caminho sem a companhia de sua família, Lauren busca atrair pessoas para a religião Semente da Terra enquanto realiza a sua peregrinação rumo a melhores condições de vida. Na religião de Lauren, um dos seus grandes preceitos é de que “O destino de semente da terra é criar raízes entre as estrelas” (BUTLER, 2018, p. 100), logo, a navegação espacial é colocada como o principal objetivo.

Em *A Parábola dos Talentos*, Lauren já está com a sua comunidade, a Bolota, em funcionamento e passa a construir um ambiente autossustentável marcado pela ação conjunta de todos os membros da religião. Na narrativa, a presença dos Cruzados, grupo liderado pela América Cristã, representa um conflito em relação a religião de Lauren. Mesmo assim, a protagonista consegue alcançar o seu objetivo final de tornar a ida para o espaço uma realidade.

Em *Binti*, há a presença de uma protagonista que subverte os pensamentos tradicionais colocados nela pelo povo Himba e, assim, opta desde o começo pela situação diaspórica de viajar no espaço para uma universidade que recebe estudantes de toda galáxia. A obra contém guerras religiosas seculares, mas Binti torna-se uma representante da busca pela paz e atua para ela seja alcançada. Nesse contexto, a navegação espacial é marcada pela forma como a imaginação de futuro de Binti é em outra parte da galáxia – mesmo que conte com a presença de características semelhantes com a Terra.

Com isso, o objetivo da pesquisa é refletir sobre os conceitos de afrofuturismo e *africanfuturism* à luz das contribuições literárias de Octavia Butler e Nnedi Okorafor. Dessa forma, apresentam-se as personagens Lauren Oya Olamina e Binti como construtoras de ambientes coletivos que colocam a navegação espacial como a grande destinação ao pensar em um futuro negro. Assim, abre-se espaço para o desenvolvimento de uma identidade negra diaspórica nas narrativas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida ao longo dos dois anos de mestrado em Letras na Universidade Federal de Pelotas e já passou por adições com o início do doutorado em Letras na mesma instituição. Para a realização da pesquisa, foram feitas leituras de artigos, livros, dissertações e ensaios que se relacionassem com o tema. No entanto, por compor o corpus da dissertação e estar presente em discussões da tese a pesquisa trata-se de um recorte do trabalho que foi defendido e está sendo ampliado.

Deste modo, a pesquisa possui um caráter sociopolítico por apresentar discussões literárias sobre a história da literatura negra e os aspectos de identidade presentes nas narrativas de Octavia Butler e Nnedi Okorafor através do afrofuturismo e do *africanfuturism*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o contexto de ser uma pesquisa que reúne um trabalho já finalizado com um em andamento, o estudo possui resultados conclusivos e se abre para novas interpretações em relação aos temas trabalhados. As discussões relacionadas à ancestralidade, religião e política já foram realizadas em outros contextos, mas o foco estar localizado na perspectiva de um futuro só ser possível ao ser pensado na navegação espacial é algo que aprofunda tais discussões – principalmente ao inserir as reflexões climáticas dos movimentos.

Ao longo das narrativas analisadas, Lauren e Binti compartilham algumas características que formam as suas identidades: a partir de contextos diferentes, ambas estão solitárias no mundo e precisam se adaptar às novas realidades, assim, ao realizarem o movimento de diáspora – cada um ocorre de uma forma, Lauren com a violência de um contexto distópico, Binti com o desejo de estudar e ir além do que os Himba normalmente preconizavam – passam por transformações nas suas identidades. Nesse panorama, as duas narrativas se caracterizam pela presença da diáspora ao ter as suas protagonistas dispersas pelo planeta/galáxia.

No primeiro livro da duologia de Octavia Butler, temos a presença de Lauren em uma sociedade que já aceitou o seu fim. Não há nenhuma esperança para o presente e as eleições são realizadas ao redor de políticos que buscam rememorar um “passado americano de sucesso”. É nesse contexto que as transformações climáticas se tornam um ponto definidor da obra. A sociedade apresentada pela autora enfrenta um cenário de aquecimento global cada vez maior em que há longos períodos de seca, o que afeta diretamente nas organizações sociais. Dado este cenário de caos climático, Lauren passa a considerar que a ida para um novo planeta é uma necessidade já que a Terra está fadada a chegar ao seu fim. Para chegar ao seu objetivo, a religião de Lauren se torna o principal meio no qual a navegação espacial acaba sendo imposta aos seus fiéis.

Na religião Semente da Terra é requisitado que todos estejam dispostos a ter uma nova relação com a natureza. Em um cenário que é formado pela adaptação, a protagonista conquista as pessoas enquanto atravessa uma jornada messiânica. Na busca por sobrevivência, Lauren obtém sucesso em atrair fiéis para Semente da Terra e, assim, consegue que se interessem por suas ideias. Nesse contexto, Lauren explica o que é a sua religião:

A Semente da Terra tem a ver com preparar-se para satisfazer o Destino. Tem a ver com aprender a viver em parceria uns com os outros em comunidades pequenas, e, ao mesmo tempo, criar uma parceria sustentável com o nosso ambiente. Tem a ver com tratar a educação e a

adaptabilidade como os essenciais absolutos que são. [...]Tem a ver com muito mais do que isso. Mas esse é o básico. (BUTLER, 2019, p. 468)

Por meio da peregrinação de Lauren e da importância de relações sustentáveis com o meio ambiente, observamos que a necessidade de imaginar novos mundos é perpassada por dois principais eixos: o eixo político – que é afetado pela raça; e o eixo climático – que apresenta uma Terra em deterioração cada vez mais acelerada. A partir disso, imaginar e refletir sobre futuros alternativos se torna um meio de alertar as pessoas para que estejam preparadas para quando esse movimento for necessário – algo que ocorre na reta final do segundo livro da duologia.

Em *Binti*, a discussão climática não se apresenta como foco porque a cronologia da história não é debatida. Em uma obra que traz elementos utópicos, sabemos que a narrativa se passa no futuro, e podemos inferir que o futuro em que a narrativa se inicia já é no planeta Terra em recuperação pós apocalipse. *Binti* inicia a obra com 16 anos e escolhe abandonar a sua comunidade para uma vida diferente na Universidade de Oomza – localizada em outra parte da galáxia. Com a presença desse movimento de diáspora, o futuro alternativo de *Binti* é também marcado pela presença de tecnologias – que, no contexto do *africanfuturism*, aparecem entrelaçadas com as tradições históricas de povos africanos. Assim, temos a construção de uma identidade negra diaspórica que é atravessada pela necessidade de explorar os seus conhecimentos e proporcionas novas experiências.

4. CONCLUSÕES

No decorrer do trabalho, foram discutidas questões relacionadas ao afrofuturismo como movimento e a maneira como ele se manifesta na literatura através da necessidade de imaginar futuros alternativos (utópicos e distópicos). Nesse contexto, a identidade negra passa por mudanças que estabelecem novas imaginações de futuro que são atravessadas por reflexões em relação ao passado. Assim, a formação de novas identidades negras diaspóricas se tornam realidade nos trabalhos de Octavia Butler e Nnedi Okorafor por meio da perspectiva do afrofuturismo e do *africanfuturism*, o que as fazem serem consideradas como expoentes dos movimentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, O. **A Parábola do Semeador**. São Paulo: Morro Branco, 2020.
BUTLER, O. **A Parábola dos Talentos**. São Paulo: Morro Branco, 2019.
DELANY, Samuel R. "The Necessity of Tomorrows". **Starboard Wine: More Notes on the Language of Science Fiction**. Wesleyan University Press, 2012
DERY, M. "Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose". **Flame wars**. In: The discourse of cyberculture. Durkham e Londres: Duke University Press, p. 179-222, 1994.
NELSON, Alondra. Introduction: Future Texts. **Social text** 71, v. 20, n. 2, p. 1-15, summer, 2002
OKORAFOR, N. **Binti**. Tradução: Carla Bitelli, 1ª ed, Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.